



PSICANÁLISE

Celia Blini

# Ressonâncias da estética na experiência emocional

*Cerejeiras em flor*

**Blucher**

**RESSONÂNCIAS DA ESTÉTICA  
NA EXPERIÊNCIA EMOCIONAL**

*CEREJEIRAS EM FLOR*

Celia Blini

*Ressonâncias da estética na experiência emocional: cerejeiras em flor*

© 2025 Celia Blini

Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenação editorial* Rafael Fulanetti

*Coordenação de produção* Ana Cristina Garcia

*Produção editorial* Juliana Midori Horie

*Revisão de texto* Denise Pisaneschi

*Diagramação e capa* Equipe editorial

*Imagem da capa* Julia Blini

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela  
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Blini, Celia

A ressonância da estética na experiência emocional : cerejeiras em flor / Celia Blini. – São Paulo : Blucher, 2025.

160 p. : il.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2698-7 (Impresso)

1. Psicanálise. I. Título.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise CDU 159.964.2

# Conteúdo

Prelúdio	15
Prefácio	23

## **PARTE I – A CHEGADA**

O sonho encontra a realidade	31
O que o olho vê e o coração sente	32
A força da contemplação	34
Um instante criativo de alegria	37
A magia do silêncio	39
O desejo de todas as crianças	41
As barreiras para o existir	42
A intolerância ao diferente na convivência humana	44
Onde começam os encontros	45
A paciência e o inusitado da experiência	47

O sensível não pode ser convocado	50
Silenciar as palavras não é sempre proteção	52
O sonho de olhos abertos	54
Aprender com a experiência em meio à transitoriedade	56
O acelerado do coração na reciprocidade estética	60
Serenidade e turbulência	61
Perder de vista e achar	63
A experiência de se misturar com a beleza	67
A natureza e a sensibilidade humana: um encontro estético	69
Sinceridade ou a verdade do que sentimos	72
O tempo perdido quando não sabemos quem somos	74
Prêmio do inesperado	76

## PARTE II – A ENTREGA

A estética da vida viva	79
O vai e vem da vida bela e a intuição	81
Uma conversa íntima	83
A necessidade humana da escuta do outro	85
Ser migrante: o luto e a reparação	88
Sonhar é preciso: de mãe para filho	91
Um impulso matreiro rompe a barreira da realidade	95
A natureza e o silêncio: companhias vivas	98
O êxtase do ser sensível na comunhão estética	100
A ressonância de dois mundos	103

A alma presa no corpo	105
A transitoriedade e seu encanto	107
O valor da observação e da imaginação	110
Um sonho dentro do sonho	113
O esplendor dos mistérios da vida	115
Estar presente no presente	117
Transformar o “aprender com a experiência” em conhecimento	120
Somos pré-históricos	125

### **PARTE III – DE VOLTA PARA CASA**

O “nascimento do ser” acontece muitas vezes na mesma vida	131
A riqueza do desejo	134
A fé no que eu preciso	136
A poética da vida está nas pequenas coisas	139
Desacomodar: pôr dúvidas nas certezas	141
A vida é a arte do encontro	144
O amor contém a incerteza com a esperança de duração	147
Existir pleno na temporalidade	149
Ser tão ser na passagem breve	151
Posfácio	153

# Prelúdio

“Existir é tão completamente fora do comum que, se a consciência do existir demorasse mais que alguns segundos, nós enlouqueceríamos.

A solução para esse absurdo que se chama ‘eu existo’, a solução é amar um outro ser que, este, nós compreendemos que exista.”

*Clarice Lispector*

*(O livro dos prazeres. Rio de Janeiro: Rocco, 1998)*

“A natureza foi o primeiro ‘outro’ com o qual nos encontramos e foi posta de lado. O ser humano foi resultado da mudança da natureza para a sociedade por razões de sobrevivência; a enorme importância do grupo para o animal social, rejeitou as origens.”

*Arnaldo Chuster*

“Vivo cada vez mais com a consciência e o sentimento de presença do desconhecido no conhecido, enigma do banal, do mistério em todas as coisas e, em particular, dos avanços do mistério em todos os avanços do conhecimento... O contínuo e o descontínuo, o separado e o inseparado são ao mesmo tempo inseparáveis. Ilogicamente o real e o irreal estão um no outro.”

*Edgar Morin*

“Abraço a natureza, na tentativa de trazê-la de volta, como companhia viva de todas as horas para nos acolher na solidão e nos oferecer suas lições de vida, em sua linguagem própria.

Volto às nossas origens, em busca do que perdemos com esse afastamento...”

*Celia Blini*

O sonho de conhecer o Japão aconteceu no momento em que eu assistia a uma série coreana. A história me encantou! Referia-se a um casal de pintores de tela, em que a figura principal eram uma mulher e um homem, que não fizeram um casal. Gostei muito do enredo e da beleza que vi nela, destaca a arte e o amor, as cores e a vida como ela é. Uma cena, dentre muitas, chamou particularmente minha atenção: um momento em que ela caminha com sua filha, num jardim sob cerejeiras-em-flor, abrindo uma conversa sobre a vida, como se quisesse prepará-la para ser uma mulher naqueles tempos difíceis.

Imediato, senti uma emoção e quis viver algo assim com minha filha, ver esse sonho tornando-se realidade. Teria despertado em mim a inveja de viver um momento poético com minha filha, de estar em meio às cerejeiras, viver a intimidade com ela, de falar sobre a vida livremente, sem um tempo definido? Eu não sei exatamente o que

foi, mas sei que, nesse momento, semeei meu sonho. Se foi inveja, é a tal inveja “branca”, aquela que faz a criança crescer, quando imita a mãe ou os adultos. Uma inveja que não tem interesse em tirar nada de ninguém e que fica atenta a quem tem algo a ensinar, ou a alguém que tem algo que ela não tem, sem ter raiva da diferença ou triunfo sobre o outro por sua conquista.

Começaram minhas primeiras aproximações desse sonho, que perduraram por meses até se tornarem possíveis. Conforme meu jeito, de compartilhar o que é bom com quem eu amo, abri meu sonho. Mas meu sonho já tinha direção e data, tinha que ser na época das cerejeiras-em-flor, no Japão. Sempre acho mais graça de um sonho compartilhado: abri para a família, então.

De pronto, todos acharam ousado e incrível! Esperei as adesões, com o coração já acelerado. A primeira de todas foi a da minha filha, que alegria! Como eu disse, meu sonho era livre para mim, não para todos, exigia adaptação, tinha de ser naquela estação, na primavera e no Japão, e não era data fácil para todos. Consulta daqui, consulta dali, a família em pleno trabalho, às vezes acontece, o que é bom para uns não é bom para outros, meu filho e meu marido não poderiam se ausentar na data. A mudança de data não estava em questão dessa vez, e essa seria a única forma de acomodar todos; era uma das coisas de que eu não poderia abrir mão – ir para o Japão na primavera, no tempo das cerejeiras-em-flor. Meu itinerário era persegui-las, não queria perder nadinha do que poderia ter. Era fechado portanto, o sonho era meu e o convite era um pouco egoísta, seria sob a minha direção! Pesquisei a data da florada nas cidades à caça da beleza das cerejeiras. Elas começam no sul e vão caminhando para o norte, portanto, nossa direção.

Seria uma perseguição, mas daquelas perseguições “boas”, que só parecem contradição; não se parecem com aquelas que conhecemos por perseguição, que trazem consigo tormento e aflição. Essas só trazem a emoção que abriga! As perseguições “boas” mais parecem

perseverança e determinação! Aguardei um tempo para comprar as passagens, à espera de mais adesões, o que, para minha tristeza, não aconteceu. Fiquei até o final com essa esperança! Mas como o sonho era meu, e minha filha quis e pôde entrar nele, aceitei como algo oferecido pela vida de todo coração, aquilo que chamamos de providência divina! Quem sabe esse possível seria algo que nós duas precisávamos viver...

E então minha filha montou os roteiros das cidades, respeitando o calendário das cerejeiras. Ajudadas sempre pela encantadora Regina. Começamos por Tóquio, a grande e linda cidade de avenidas largas e limpas e de extrema organização e beleza; depois Hakone, onde conhecemos um *hiokan*, um hotel típico japonês, mágico e maravilhoso com vista para um lago e, nem sabíamos, com vista para o Monte Fuji; Kyoto, com seus templos, seu clima espiritual e muitas cerejeiras-em-flor; Himeji, o lugar do palácio branco e do “Jardim do Éden”, eu o chamei assim; Osaka, em seu encanto da noite, nas ruas estreitas com suas luzes coloridas, e Kanasawa, com seu bairro dos samurais e seu encantador parque, pura beleza e poesia.

Quero deixar expresso desde esse início que, tudo que descrevo em palavras-emoção a respeito dessa visita ao Japão, deve-se às condições especiais, que criaram um espaço de intersecção de muitos elementos: ser nascida de um sonho meu, ser na primavera do Japão, as cerejeiras estarem que só flor, eu amar as flores e os jardins, o silêncio, a organização, a espiritualidade, a estética, o tempo-espço tomado inteiramente para essa experiência, a disposição para contemplação, o meu interesse na imersão em uma cultura oriental, que sempre intuí sugere a profundidade.

Ir mais para dentro da alma, sem saber, persigo desde criança, desde quando brincava de pegar minha própria “sombra”, na esperança de alcançá-la. Levei anos para me aproximar de partes dela, que ainda me traz, vez por outra, surpresas!

Descobri esse lugar de encontro comigo mesma, no longo percurso para tornar-me psicanalista e na companhia viva, linda, humana, especial de minha filha querida, desde que ela nasceu e do meu filho lindo, humano e carinhoso, que me cobriu com seu amor. Não se trata apenas de uma viagem turística para conhecer o outro lado do mundo, saindo de uma cultura ocidental para uma oriental. Eu pretendia muito mais que isso! Por essa razão, por ser uma vivência tão pessoal, quero deixar claro que o que transcrevo nas próximas páginas é apenas uma viagem de vinte dias nessa terra, que me permitiu viver e colocar em palavras-inspiração tudo que vem a seguir, mas que não implica uma idealização do país ou a apologia da cultura japonesa. Certamente, é um recorte de uma experiência pessoal, uma experiência emocional compartilhada em todos os encontros que puderam acontecer espontâneos, com as flores, os jardins, os templos, o silêncio, o vento, a minha filha, comigo mesma...

O meu sonho ao encontrar a estética, especialmente das “cerejeiras-em-flor”, permitiu uma sequência de experiências emocionais, desde o início, que se repetiram inúmeras vezes, criando ressonâncias em meu interior. Uma experiência que pode ter significado para quem se permitir entrar comigo, deixar-se levar pela emoção, como fui levada pela minha.

O mundo encantador e diferente que encontrei no Japão também se apresentava singular em sua língua, por não permitir que eu entendesse nada do que era falado ou estava escrito, uma vez que não tenho nenhum conhecimento da língua japonesa, escrita ou falada. Um lugar novo, cuja única forma de comunicação com um outro era o inglês ou a mímica e o que se vê – a contemplação e o que se sente – a emoção.

A escrita por ideogramas sempre me encantou – enigmática, difícil de ser acessada seja na escrita ou na fala, ainda que melodiosa. Traz em si uma beleza em sua apresentação, pois parece que os risquinhos se movimentam e se modificam, formando um desenho

ou um conjunto deles. Tem uma aparência lúdica, sejam eles retos ou curvos, simples ou compostos, parecem brincar no branco onde se inscrevem, mas totalmente incompreensíveis. Foram vividos por mim como um primeiro impacto – eles não me guiariam para lugar algum, eu não saberia decifrá-los, mas era bom vê-los em toda parte, descrevendo as ruas, as estações, os pratos da cozinha japonesa, e ouvi-los em conversas, sua cadência, sua musicalidade.

Esse meu encantamento pela escrita japonesa me fez buscar a transcrição de três contos e incluí-los aqui para o leitor, a título de ilustração. A leitura deles com compreensão ficará apenas para os que dominam a língua. Eles, nesse entremeio, enfeitam as páginas e trazem o enigma e a beleza dos ideogramas.



Há uma proximidade e semelhança entre os ideogramas e o mundo real, mas não uma identidade, eles são um tipo especial de símbolos. Na escrita ideográfica, cada um representa uma ideia concreta ou abstrata e, em sua sequência, o movimento da natureza, ou em seu conjunto, uma ideia ou cena em movimento.

Os ideogramas brincam nas páginas em branco como se fossem peças de um quebra-cabeças, que em suas muitas peças unidas configuram uma pictografia que, se não soubermos a configuração final, exigem que as identifiquemos por suas características em suas especificidades e diferenças, seu sentido e significado. Algumas vezes a língua japonesa, representada por seus ideogramas que podem ter caráter metafórico, aproxima-se da linguagem do sonho, que acontece por imagens simples ou compostas ou cenas, que evocam ao

sonhador a busca de um sentido, que só pode ser alcançado por associações em busca de um sentido.

Os ideogramas podem ser reunidos em pequenos poemas, como os *haikais* (haicais), poema composto por apenas três versos que condensam uma ideia. Como os sonhos, são um condensado, mas dizem muito do sonhador, do poeta ou daquilo que expressam.



Minhas palavras, nesta imersão, surgiam sem parar em cada passagem pelos vários lugares que pude apreciar. Eu as colhi e as guardei nos escritos das minhas anotações, um lugar especial do meu celular, criado por sugestão e iniciativa do meu filho, presente em cada instante-inspiração, pois virou bloco-de-anotação-da-emoção, primordial naquele momento, o esboço das experiências emocionais. E, como as ideias vêm e desaparecem no seu leito de criação, se não tiverem um lugar para assentar, desaparecem como bolhas de sabão. Saíram de dentro de mim em pequenos ou médios contos, com um pouco de rima e graça e ganharam título. Um título-sonho, por condensar ideias, visitar conceitos, que destaco como princípios do “bem viver a vida”.

Juntei-as a algumas fotos tiradas por mim, que de fotógrafa tenho pouco, mas eu as incluí, por considerá-las uma linguagem em estado silencioso, que pode transmitir o momento e dar mais compreensão à palavra e vice-versa e, o mais importante, que ela leve o leitor a se aproximar das experiências emocionais que vivi em cada encontro estético. Por ser difícil de nomear essa experiência que acontece em nosso interior e nos transforma, fiz algumas delas juntas – conto e foto – pois o conto comunica algo do que se fotografa e do que quem fotografa pode recortar de fora e de dentro do seu ser – encerram a subjetividade.

Como coloca Barthes, a fotografia envolve-se em uma nova visão do sublime artístico. E eu acrescento, sem pretensão, somente a título de expressar a singularidade do que penso, algumas fotos espelham o profundo sentimento que vai na alma, como se captassem mais que o que se vê com os olhos, revelam a emoção! Eternizam um momento vivido, de forma especular, visível e espetacular, como apresento na imagem que denominei “a foto mais linda”!

O estímulo para essa escrita veio da importância que dei ao meu olhar, ao meu sentir, à experiência emocional decorrente e pelo disparador do meu mais profundo ser que essa experiência fez emergir. Por essa razão, quis immortalizar algumas descobertas verdadeiras para aquele momento. Pelo que simbolizam as associações livres e emocionadas, compostas de memórias que emergem, despertadas no encontro com cada espaço-inspirador do dentro com o fora, é que elas se tornam vívidas. São a matéria-prima da nossa intuição! Construíram toda essa narrativa, que espero seja uma linguagem de alcance e que possa trazer reflexões sobre o amor, o encontro humano e suas nuances.

Toda escrita é uma apresentação de quem somos e penso que só pode ser assim, uma vez que é construída de nossas experiências pessoais vividas, reunidas, armazenadas no arcabouço interno do nosso eu mais profundo e posteriormente pensadas com sinceridade e profundidade, na relação com um outro, com nós mesmos e pelo interesse de mergulhar na verdade do nosso ser.

# Prefácio

Celia Blini nos presenteia neste livro com a doçura de suas palavras poéticas que constroem a fonte narrativa do encontro com as cerejeiras.

Como num sonho, rompem-se as barreiras de tempo e espaço. Eu estou lá. Celia nos pega pela mão e nos leva a viver intensamente os acontecimentos que marcaram sua experiência emocional, nessa época singular que é o desabrochar das cerejeiras. Pela força de sua poesia, as fronteiras do tempo e do espaço sucumbem.

Como leitora, também vivo ali, sob as cerejeiras, sou personagem, faço parte daquele mundo. E, assim, se mostra o valor de seu texto, de sua literariedade: alcançar o leitor de uma forma tão avassaladora que ele se sinta parte do universo narrado. Faço parte daquele cenário das cerejeiras-em-flor, como num sonho, em que a “realidade” vivida se desprende da nossa realidade quando acordados. Quando a “realidade” do sonho se parece com a construída literariamente.

A autora constrói uma história de suas emoções em vinte dias de primavera no Japão, quando ela se mistura com a florada das cerejeiras. Ela tece, com as palavras, o seu texto. Ao escrever, o que vem de sua alma em flor, como as cerejeiras, constrói o texto no plano da palavra, do vivido, um vivido atravessado pela emoção, pelo sentimento,

do que está além, do não visível, e do que está por se fazer, no plano do inusitado.

Caminhamos com Celia pelo entardecer de Tóquio, Kioto e Monte Fuji. E sua poesia, vinda do coração, porque é sentimento antes de se transformar em palavra, corre pelas veias, chega à sua mão, e essa encontra a nossa, e nos guia por aquele mundo. É entardecer! Mas é um tempo outro. Porque o tempo da poesia é sempre atemporal. O tempo que brota em sua alma, como faz brotar as cerejeiras-em-flor. O tempo é o Deus a guiar! E se mostra como instante, algo finito e acabado, que flui livremente. O tempo grande, o tempo pequeno...

O tempo grande, que toma conta do seu narrar, que se esvai e se constrói, no texto, costurando palavras; o tempo pequeno, que se faz instante, e que mostra as nuances das flores crescendo nas cerejeiras, ou no instante da imagem com sua filha. É o tempo também de hoje estar com a filha, como a realidade guardada na caixinha de música, o porta-joias, que cultivou desde a infância. Tempo de lá, tempo de cá...

Ao ver as cerejeiras-em-flor, a autora encontra suas floradas internas, sua filha flor, que lhe abriu as janelas para o amor, para a vida e para a simplicidade das coisas que realmente importam. Aparentemente, é um livro lúdico, com linguagem simples, como a alma de uma criança.

A linguagem de alcance leva o leitor a se aproximar do que é a experiência emocional.

É preciso amor para poder pulsar...

É preciso ouvir o silêncio interno para poder sentir. É preciso a chuva para florir. É preciso se escutar e é preciso de tempo.

Cada escolha, cada passo, cada sonho; tudo faz parte de sua história. Cada um de nós compõe a sua história. Celia carrega o dom de ser capaz de expressar seus sentimentos diante da beleza. Ela nos traz esperança e nos convida a um olhar mais profundo sobre a natureza e o que ela nos inspira. Seu texto traz a natureza como parte, como

palavra. Suas palavras brotam como água de mina que flui, trazem a beleza das alamedas que dançam sob seu olhar. A natureza em flor e todo o seu esplendor, podem ser vistas e sentidas nas palavras com que a autora constrói esse mundo que nos oferece, revelando seu eu interior. Quanto encanto na busca desse momento íntimo, revelador de uma existência interior singular!

Ao pôr as palavras no papel, nos fala de partes significativas do seu ser.

Seus sonhos imagéticos, aos poucos e delicadamente, eram traduzidos em palavras simples que expressavam suas emoções e vivências mais secretas e íntimas.

Por vezes, era surpreendida ao penetrar nesse território desconhecido e tão pouco visitado.

A autora, nesse inesperado encontro ou re-encontro da autora com seu interior – o seu eu mais íntimo, estimula o leitor a ir em busca do seu próprio sonho, como fez comigo – aguçou meus sonhos internos e, como diz Pessoa, navegar é preciso... sonhar não é preciso... é só deixar fluir.

A leitura é um deleite, que expande a cada página a beleza das paisagens e a emoção que acolhia todo seu ser. Como ela mesma expressa, “*é beleza com mais beleza e mais beleza!*”.

Vendo aquele cenário, como se estivesse em um lugar sagrado, a autora é inundada por intensa emoção poética e experiência estética. A magia do encontro com as cerejeiras faz emergir memórias afetivas e lembranças infinitas. Uma fonte que jorra da mais pura natureza faz acordar a fonte de seu sentir.

A água, senhora do tempo. O começo e o fim. A reverência ao Monte Fuji, o deslumbramento dessa visão, que leva a autora, com sua filha na imensa paisagem, a encontrar dentro de si o nascimento da filha, como se, agora juntas, sob as cerejeiras, houvesse então um renascimento. A fonte da água, a fonte da emoção, a fonte de inspiração.

Vida e arte!

Sugiro a cada leitor que abra o seu porta-joias, aquele que guarda suas emoções e encantos e se sinta como Celia, no silêncio mágico e místico e caminhe no templo, de meias.

A cada página, a beleza da paisagem que Celia, quando criança, ia buscar encontrar na janela do trem, janela de passagem para o mundo. Uma janela é uma possibilidade, um vir-a-ser, uma visão. Hoje é a sua alma que se abre e nos mostra suas emoções, suas memórias afetivas e seus sentimentos mais profundos. Sua alma também nos possibilita andar em seus sonhos amorosamente, apreciando os encantos da natureza e as alegrias com sua filha, numa viagem de amor, esperança e surpresas. E desperta em mim, e espero em todos vocês, a vontade de sonhar e recordar.

Brilhantemente, como tecendo num tecido num bordado, com seu olhar sensível, nos contempla essas delicadezas por alguns segundos, doces instantes a cada nova página trazendo mais poesia e mais beleza.

O deslumbramento das cerejeiras é o encantamento de visão. Esse encanto com a natureza, de alma livre a entregar aos leitores, faz nos sentirmos acolhidos nessa experiência. Uma experiência emocional rica e cheia de luz.

Lembranças infinitas, preciosas...

Os dias passam e as transformações, aos poucos, vão surgindo. As florzinhas que iluminam o caminho dão lugar a outras folhinhas verdes e como diz a autora “*menos flor, mais árvores*”, sutilezas do vir-a-ser.

A leitura deste texto oferece ao leitor doçura e encantamento, como as flores das cerejeiras, que limitam a possibilidade de fluidez do tempo, pois chega a hora da partida. Como em tudo, abre a oportunidade para outro olhar, um outro tempo. Reforça nesse momento uma qualidade intrínseca da vida: a transitoriedade, e nos faz confrontar com a efemeridade de tudo que nos cerca. Nem bem Celia

colocou os pés no chão do Japão, já teve que voar para regressar ao seu lar, ao seu mundo cotidiano e a novas reflexões.

Celia compartilha e fala dos seus sentimentos, dos mais íntimos pensamentos que envolvem o encontro consigo mesma ao retornar. A busca para entender e dar conta das emoções; que a verdade abre caminhos e nos faz ver amplo e mais longe. Expressa o que espera da relação humana, como também em que consiste o encontro humano e o encontro de amor. Seu olhar perspicaz e conhecedor da alma humana abre espaço para expressar o encanto pela natureza, companhia de todas as horas. Seu livro é um convite afetuoso que mobiliza a parte mais íntima do nosso ser e nos estimula a participar de suas descobertas e conexões e abre espaço para descobertas e conexões.

A natureza, sua companheira, mobiliza a parte mais íntima do seu ser e nos auxilia para sermos parceiros vivos de suas descobertas e transformações.

Celia nos enriquece ao longo de suas falas e nos oferece uma visão psicanalítica, um olhar amoroso pela vida, pela natureza e pelo encontro humano.

Agradeço a oportunidade de usufruir do nascedouro, berço da sua *rêverie*, da tessitura amorosa e inspiradora dos entreteçamentos criativos das cenas bordadas e elaboradas com muito cuidado, amor e emoção.

Afinal, viver é uma arte de muitos encontros, surpresas e desencontros.

Grata pelo convite, e por dar a oportunidade de acompanhar, *pari passu*, as descobertas das belezas estéticas e do seu surpreendente modo de ser e de conduzir seus sonhos!

Meu carinho,

Lecy Cabral

*Psicanalista*





**Nos dias atuais, estamos submetidos a situações** de desencontros, conflitos, confrontos e predomínio da negatividade, que despertam sentimentos de insegurança e medo, já que se trata de um momento em que as informações nos chegam com facilidade e de modo rápido, por ação de um mundo virtual que nos mantém em certo isolamento, como ouvintes sem acesso ao diálogo, que nos sugere mudanças e pensamento. Este livro vem na contramão desse movimento, oferecendo uma oportunidade de imersão, de fazer pensar na importância do uso da sensibilidade e do encontro com um outro, com a paz, a beleza e a profundidade, num cenário de harmonia e estética trazidos pelo encanto das “cerejeiras-em-flor”. Um momento para refletir, usar nossa capacidade para pensar, ir em busca da nossa singularidade, da nossa essência. Todo encontro é, em potencial, um espaço inspirador que conecta o nosso interior com o que existe fora, colocando quem se deixa tocar pela experiência diante de emoções marcantes, que revolvem o seu íntimo. Somos um antes de viver essas experiências e outro depois de sermos transformados por elas. Essas experiências emocionais constituem a matéria-prima da nossa intuição, uma companhia viva interna.

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2698-7



9

7 8 8 5 2 1 2 2 6 9 8 7



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## Ressonâncias da estética na experiência emocional

### Cerejeiras em flor

---

Celia Blini

ISBN: 9788521226987

Páginas: 160

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025

---